

“Brasil foi vítima de um sistema deturpado”

ALBERTO TAMER
Especial para O Estado

LONDRES — O embaixador Mário Gibson Barboza afirmou no almoço anual da Câmara Brasileira de Comércio que o Brasil está sendo atingido pelo mau funcionamento de um sistema que ele mesmo havia denunciado na década de 70, quando alertou, em várias reuniões internacionais, para a necessidade de se criar uma segurança econômica coletiva.

Nos últimos anos, o Brasil se tornou um dos mais importantes integrantes da economia mundial, como primeiro produtor e exportador de café, de açúcar, de minério de ferro e de suco de laranja; segundo de soja e cacau; terceiro em construção naval; quarto em bauxita; quinto em cereais; sexto na produção de cimento e de autoveículos; sétimo em geração elétrica, e oitavo na siderurgia. Isso foi conseguido com a participação parcial de financiamentos externos, capitais de risco e financiamentos com elevada taxa de reinvestimento.

Para manter esse esquema, disse o embaixador, o Brasil concordou em pagar elevados **spreads** (taxas de risco) nos empréstimos de médio e longo prazos. O esquema era viável e funcionaria bem se não tivesse havido a crise de confiança no Sistema Financeiro Internacional provocada em agosto pelas dificuldades do México, bloqueando o fluxo de novos recursos para a América Latina. Isso nos leva a reconhecer que o sistema é pelo menos insatisfatório, pois “é inadmissível que as dificuldades enfrentadas por um único país coloquem em risco todo o sistema bancá-

rio e espalhem pânico pelas instituições financeiras da metade do mundo”.

ESFORÇO COMPREENDIDO

Mário Gibson Barboza afirmou que os bancos compreenderam o esforço do Brasil, aceitando as recomendações do FMI e as medidas postas em prática pelo País. “Isso nos dá grande conforto, mas temos de avaliar as conseqüências da crise financeira que enfrentamos.” O tratamento escolhido pelo Brasil é duro, exigindo amargos sacrifícios para um país acostumado a crescer. Mas o êxito final somente será obtido para o bem de todos, não apenas do Brasil, se houver também a compreensão de todos. As barreiras protecionistas devem ser reduzidas, se quisermos todos sair da presente estagnação econômica universal, afirmou o embaixador.

E lembrou a frase de Helmut Schmidt: “Os mercados são como pára-quedas. Só funcionam abertos”.

O embaixador brasileiro na Grã-Bretanha finalizou afirmando que o projeto político interno brasileiro foi levado avante apesar de todas as dificuldades e ceticismos. E, externamente, é o único país na comunidade das nações que não apresenta nenhum problema internacional e nem está comprometido com nenhum bloco militar. Por essas razões, pelo grau de desenvolvimento obtido, por ser hoje “um novo dente na roda da economia mundial”, pela sua importância no mundo e pela seriedade com que vem enfrentando os problemas que não são apenas seus, o Brasil “é uma boa aposta”, concluiu o embaixador Gibson Barboza.